



DESENVOLVIMENTO DO HÁBITO DE LEITURA NO ENSINO

MÉDIO: em busca de novos paradigmas

Juivalda da Silva Brasil¹

Chrissie Castro do Carmo²

Fádia Cristina Monteiro de Oliveira Silva³

RESUMO

O presente artigo aborda os desafios e dificuldades no desenvolvimento do hábito da leitura no ensino médio. Trata-se de um estudo de revisão de um trabalho de conclusão de curso, apresentado em 2015 e que apresenta esta problemática através de um estudo de caso em que analisa a maneira como a escola vem atuando, assim este artigo busca explorar a possibilidade de que o estudante /jovem/leitor seja o centro das ações pedagógicas que devem estimular o hábito da leitura, de forma a considerar a recepção literária como um fator preponderante para alcançar este intento. Para tanto buscou-se os aportes teóricos de Freire (1989), Kleiman (2012), Micheletti (2006), Cosson (2014) e outros que contribuem para este estudo. Com este trabalho, espera-se que professores-pesquisadores possam perceber as dificuldades encontradas em relação a receptividade das obras que são oferecidas aos jovens e as suas preferências literárias. Justifica-se a necessidade deste estudo mediante o interesse contínuo na temática.

Palavras-chave: Leitura, Metodologia, Ensino Médio.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem a finalidade de trazer à tona questionamentos e possibilidades que cercam o desenvolvimento do hábito da leitura no ensino médio, visando trazer a cena acadêmica esta discussão e ampliando a visão no sentido de imprimir uma visão mais humanista e inclusiva do ponto de vista e da recepção literária desenvolvida pelo estudante do ensino médio, em relação às obras que este considera interessante ler.

¹ Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Rede Pública de Ensino. Mestra em Linguagens e Saberes na Amazônia pela UFPA-Campus Bragança. PPGLSA. E-mail: juivaldabrasil@gmail.com

² Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal do Amapá – IFAP. Mestra em Letras pela– Universidade Presbiteriana Mackenzie/ SP – PPGL. E-mail: Chrissie.carmo@ifap.br

³ Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Rede Pública de Ensino. Mestranda em Ciências da Linguagem – Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL.PPGCL.
E-mail: fadia-cris@hotmail.com



Defende-se aqui o olhar perspicaz e audaz à figura central deste processo: O estudante/leitor. Buscando estimular o respeito por seu posicionamento dentro do processo de encaminhamento da abordagem da leitura no ensino médio, tornando-os coparticipantes e não meros reprodutores oprimidos de um hábito que deveria ser libertador e não revelar-se opressor, desde a sua abordagem no chão da escola.

Igualmente, atentamos para a necessidade do revigoramento do papel do professor, como sendo mediador deste hábito e procurando desconstruir a prática de atribuir ao professor dos segmentos da educação básica o estigma de ter fomentado ou ignorado a falta do hábito de ler no ensino médio. É necessário identificar e reconhecer pontos factuais que corroboram para este fim, além da postura do professor.

Seguindo este intento, toma-se como referencia que a leitura é, sem dúvida, um abrir de portas para o mundo do conhecimento e decerto contribuirá para a ampliação da visão de mundo de alguém, alimentando posturas e entendimento a cerca de seus direitos e deveres no ato continuo de fomentar a criação de uma sociedade mais justa e transparente em relação a realidade, realizando assim uma leitura de mundo que vai além do que possa estar escrito.

1. IMPRESSÕES INICIAIS

Na construção deste trabalho considerou-se algumas provocações e reflexões estabelecidas em um trabalho de conclusão de curso do curso de Licenciatura em Letras-Inglês/Português em 2015⁴ considerando-se que o tema deve e pode ser amplamente debatido.

Por considerar que um artigo científico é parte de uma publicação com autoria declarada, que apresenta e discute ideias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento (NBR 6022, 2003, p.2) este trabalho se baseia nas discussões teóricas estabelecidas no aporte teórico, todavia tendo como foco a recepção literária dos jovens estudantes do ensino médio como uma das possíveis dificuldades que os professores encontram para estimular o hábito da leitura na referida modalidade

⁴ **As dificuldades no desenvolvimento do hábito da leitura no ensino médio:** Estudo de caso na Escola Estadual Mário Quirino da Silva de autoria dos acadêmicos: CAMÕES.H.N; CRUZ. M, G.M; MACIEL, M. B e Orientado por BRASIL.J.S. IESAP-2015. Macapá /AP.



por diversas situações, entre elas a possível consolidação das preferências literárias deste estudante /leitor.

Desta feita lançou-se mão de pesquisa bibliográfica que buscou amparar teoricamente os pressupostos levantados tanto no trabalho de origem como neste artigo, por acreditar que embora o trabalho tenha sido apresentado há algum tempo ele aborda uma temática atual e necessária de reflexão e debate continuamente, uma vez que as dificuldades permanecem e só se renovam, o que nos leva a crer que a leitura ainda não tem o envolvimento e o engajamento necessário por parte dos pensadores da educação em nosso país.

Outrossim, ressaltamos que os autores foram consultados e informados sobre a possibilidade desta publicação e suas condições como referências a esta construção enquanto continuidade das reflexões estimuladas a partir do trabalho em questão, entendendo que isto feito o trabalho de pesquisa alcança seu intento enquanto trabalho científico.

2. INÍCIO DE CONVERSA: Fatores e atores

A titulação desta sessão toma como referência o que se propõe com este trabalho. Estabelecer uma conversa sobre a temática do ato de ler no ensino médio, considerando que nesta fase a clientela perpassa por modificações fisiológicas e emocionais que desafiam a muitos estudiosos, mas que se revelam explicitamente na sala de aula, em meio a seus pares.

Os jovens dentro da faixa etária de 14 a 17 anos aproximadamente, chegam ao ensino médio já conhecendo a leitura e em alguns casos com certas preferências literárias, uma vez que de acordo com os PCN cabe às séries iniciais alfabetizar, exercitar e estabelecer parâmetros do que pode ser considerada uma pessoa letrada, todavia estas etapas não se dão de forma uníssona, algumas lacunas surgem neste período e se instalam. Diante disso é comum atribuir-se o resultado final desta construção aos professores que alicerçaram esta construção. Todavia, acabam por esquecer que ela é contínua e individual. Não se trata de jogar as sementes ao vento e colher leitores, exige cuidados de jardineiros a cada florada. É preciso entender que o leitor não está pronto e acabado ao sair do ensino fundamental.

Nesse sentido, há que se propor aos profissionais de Letras (além dos demais profissionais – pois a leitura está em todos os segmentos) uma leitura instauradora das



concepções de leitura, a fim de estabelecer continuidade ao processo. A prática da leitura na escola precisa ser mediada por momentos de vivência literária e ir além da transmissão de informação. Precisa ser abordada de forma prazerosa, porém de forma sistematizada, tendo como foco a formação leitora do aluno e encarando não só o acesso a leitura como responsabilidade da escola, mas também a continuidade deste processo.

Contudo, esclarecendo que mais importante, talvez, que rever estas acepções, que de certa forma, somam-se promovendo sempre o valor e a importância do ato de ler é considerar o indivíduo, sujeito, estudante que deve ser o centro destas expectativas e práxis visando uma leitura que promova o seu desenvolvimento social e político e por que não dizer humano, pois a leitura nos humaniza.

Assim, tomando as palavras de Paulo Freire(1989) em sua obra “A importância do ato de ler”, enfatiza que:

Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (FREIRE,1989, p.17).

Na perspectiva de estabelecer vínculos entre a linguagem e a sociedade alguns autores afirmam que esta necessidade dá completude ao todo da compreensão literária, portanto consideramos relevante e primordial promover a interação destas, atribuímos ao ato da leitura este papel de estabelecer ponte entre a realidade e a transcrição gráfica desta. De tal forma que não se esqueça, antes de tudo, que a leitura é uma prática individual e particular intermediada pelo contexto social.

Neste sentido, Kleimam (2012) traz a possível explicação para este embate ao afirmar que a interação social ocorre da seguinte maneira: ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social a que se está atrelado ou foi-se criado.

Micheletti (2006) enfatiza que a ideia de que a leitura é um ato solitário se revela inicialmente como verdade do ponto de vista da iniciativa em exercitar o hábito da leitura, ou o ato de ler para que enfim se torne um hábito uma vez que vai depender da vontade de um *eu* e de sua capacidade de posicionar-se diante do discurso do outro há que se estabelecer uma relação de simpatia, digamos assim, entre o dito e a necessidade



de dizer ou de ler o que foi escrito. A autora completa dizendo que ler é sujeitar-se ao risco, mas a aventura faz-se necessária, pois o homem se revela na sinfonia das palavras.

3. ENCONTROS E ENTRAVES NO CHÃO DA ESCOLA

Como consideramos anteriormente um dos maiores problemas na escola em relação a leitura é o de fazer com que os alunos desenvolvam autonomia literária e atuem de forma criativa, reflexiva, desenvolvendo o raciocínio que lhe permitirá optar por agir ou omitir-se diante de situações cotidianas, porém há que se considerar esta uma premissa principal para iniciar uma abordagem metodológica que busque formar leitores habituais, pois visamos ir além das letras frias, buscamos o exercício do ler e refletir, mas atendendo primeiramente o desejo de despertar paixões.

Dentre os obstáculos observados dentro do ambiente escolar em relação ao desenvolver do ato de ler na escola, um deles é a forma em que as escolas trabalham a leitura. As nuances pedagógicas que são atribuídas como segundas ou primeiras intenções neste que deveria ser algo de puro desenvolvimento da liberdade e da consciência de ser humano.

Nossa alegação se estabelece tendo como amparo, práticas que lançam mão de assuntos pré-estabelecidos, visando alcançar o objetivo de apenas avaliar os estudantes, atribuindo-lhes uma nota em relação ao que foi lido, desconsiderando se o estudante gostou da indicação dentro do que este indivíduo leitor estabeleceu para si dentro do prisma de criticidade e anseios literários, como vê-se exposto por Elias a seguir:

a leitura ainda vem sendo ou ignorada, ou tratada como obrigação, servindo como meio de avaliação do aluno, a partir da obtenção de respostas e perguntas, muitas vezes irrelevantes, em lugar de busca de situações dinâmicas de criação, de expressão individual, de discussões substantivas (ELIAS, 2011, p. 199).

Dentre as situações que corroboram negativamente para o exercício de estratégias afirmativas para fomentar o hábito da leitura, dar-se por conta de um efeito reverso. De acordo com as matrizes de cursos de formação de profissionais que atuam nas escolas, de forma geral, não oportunizam a seus discentes acadêmicos uma prática de leitura dissociada da possibilidade de avaliação e estes por vezes trazem esta prática para a escola. Elias (2011), afirma a respeito deste prognóstico que



No plano da escola, não há dúvidas de que os professores saem da maior parte dos cursos superiores ainda mal preparados para trabalhar a leitura, embora, ao assumir aulas, muitos deles façam um enorme esforço em busca de bons resultados. No entanto, o esforço despendido costuma ser solitário, pois a própria escola não favorece em nada, por não dispor de espaços adequados para bibliotecas, de profissionais capazes de trabalhar nesses espaços, seja na administração de acervos, seja em projetos de incentivo à leitura em parceria com os professores (ELIAS, 2011, p. 198).

Dito isso atestamos que se inicia aí um desconforto, por assim dizer que provavelmente só poderá ser amenizado se a leitura passar a ser responsabilidade de todos em todos os segmentos, pois observa-se que esta abordagem evasiva e sob a opressão e pressão da obrigatoriedade da leitura inicia na formação do professor e se estende ao aluno.

Ao invés de leitores apaixonados o que se fomenta são pessoas que, de certa forma, são obrigados a ler por conta de exigências pedagógicas a cumprir, não como ato libertador, tendo em vista que apenas se dispõe aos indivíduos, leituras que estão longe de um possível desejo de ler, são tidas inclusive como clássicos da sua formação. E, ao se estender a escola produz leitores estéreis de desejo e paixão literária que apenas cumprem o dever, não exercitando o prazer. Assim,

o que se vê é uma escola que, no seu conjunto, não se constitui em espaço de significação para o aluno. Pela forma como se trabalha a leitura, em geral, o aluno ainda não a reconhece como lazer, como possibilidade de alimentação da imaginação menos ainda como lugar de produção de conhecimento, capaz de alterar a bagagem intelectual, a ponto de promover apropriação daquilo que leu (ELIAS, 2011, p. 199).

Daí nosso posicionamento contrário a afirmação de que os alunos não gostam de ler, pois desta feita estão descartando suas leituras digitais e avaliando suas preferências como impróprias e inadequadas ao seu estágio de estudo, desconsiderando o repertório literário do estudante leitor.

Há que se considerar que os tempos são outros e que muitos dos paradigmas estabelecidos outrora, estão defasados, por isso não correspondem aos anseios ou objetivos estabelecidos pelo professor ou pela escola, por isso criam um confronto entre o gosto de um e o objetivo de outro, pois nem toda tecnologia impressa ou digital utilizada pelo jovem para exercitar a leitura é considerado pela escola como aceitáveis.

Não esquecendo que em um período de grandes reinvenções e ressignificações a leitura com base em ferramentas tecnológicas é irreversível, uma vez que estes modelos



tornam-se mais acessíveis com o passar do tempo e perpassam pela liberdade de escolha dos jovens em escolher o que ler, como e onde.

Assim, sabendo que a escola tem a função social de garantir o sucesso ou o fracasso da continuação e aprimoramento do ato de ler, precisa se revelar atrativa e para tanto há que se desprover de muitas intenções pedagógicas e ater-se a estimular o ato contínuo de ler, atendo-se a ser prazerosa em sua execução e desejosa em sua busca de emoções, junto às letras grafadas sob o papel frio. Cadermatori endossa esta visão afirmando: “Não se deseja outra coisa como reação à leitura senão que o leitor desfrute imensamente do que lê” (CADERMATORI, 2012. p. 13).

Enfim, se na abordagem, na escolha do suporte e até mesmo na oferta da temática e do gênero este estudante se sente oprimido e impelido pela autoridade pedagógica a fazer algo que não lhe traz bons sentimentos e não corroboram para a formulação de uma consciência crítica, temos aí o rompimento de suas concepções de leitura como algo apazível, então há que se compreender a rejeição de alguns com o exercício da leitura, rompendo aí a possibilidade de criar o hábito.

Segundo os PCN (2003), vê-se que:

A leitura é um processo cognitivo que requer dois tipos de conhecimentos: o conhecimento da forma – que envolve noções grafofônicas, lexicais, sintáticas e o conhecimento da substância – que envolve o conhecimento do assunto, conhecimento pragmático e cultural (PCN, 2003, p. 34).

Como esperar que os estudantes exercitem a função social da leitura se esta no ambiente escolar é ignorada, quando entende-se que neste contexto mais que nunca esta deveria e precisa ser amplamente vivenciada em meio às muitas possibilidades de conexão entre os anseios dos estudantes e as riquezas de abordagem da língua materna entre outros enfoques, considerando que a leitura está presente em todas as instâncias.

4. DIFICULDADES DO DESENVOLVIMENTO DO HÁBITO DA LEITURA

Muito se fala desse desencantar pela leitura mediante o contexto escolar, contudo é necessário dizer que assim como as possibilidades são amplas e inspiradoras as dificuldades são muitas e por vezes desestimulantes, mas como todo professor é um ser mutável e desbravador encara o desafio e procura incessantemente recursos, caminhos e métodos para alcançar seus intentos, entre eles transformar estudantes em leitores apaixonados.



Contudo há que se reconhecer que esta conquista precisa ser dosada de bom senso e acima de tudo de respeito mútuo, pois muitos estudantes do ensino médio já possuem um acervo de leituras e muitas vezes se nega a experimentar um gênero novo, o que faz com que o professor deva atuar de forma a inspirar o estudante a seguir por este caminho, mas não pode desmerecer ou cansar a sua habilidade leitora.

A esse respeito Cadermatori (2012, p. 91) alerta:

Nem todo mundo tem gosto, sensibilidade, interesse para ser leitor de livros literários. Há quem goste de ler livros informativos, best-sellers, mas não se interessa por literatura. E também quem nunca vai ler coisa alguma, simplesmente porque não gosta.

Maria (2009) trata deste fato ressaltando que a falta de leitura não está totalmente relacionada às condições financeiras dos estudantes, já que com o uso das tecnologias a leitura tornou-se mais prática e acessível, embora somente agora com a BNCC enfatizando o letramento multimodal é que as escolas estão passando a rever este posicionamento, inclusive estimulando a leitura digital em plataformas e aplicativos reconhecendo, enfim as possibilidades do exercício do ato de ler.

Entretanto Silva (2003), afirma que, de nada vale, para a melhora do ensino, o espaço escolar, familiar, aparelhos tecnológicos ou quaisquer outros recursos senão, em primeiro lugar, professores capacitados, de modo salarial e profissional, tampouco leitores. Uma vez que o educador é o principal instrumento quando se trata de mediador de conhecimentos.

Que venham as bibliotecas, que venham os laboratórios, que venham os computadores, que venham todos os tipos de recursos que possam ajudar os professores a melhorar o ensino; entretanto, sem professores com dignidade profissional e salarial, sem um status de respeito na comunidade, todas as parafernálias audiovisuais e eletrônicas viram lixo dentro da escola (SILVA, 2003, p.15).

No Ensino Médio, jovens adolescentes estão em uma fase de descobertas e o mundo oferece um catálogo bem diversificado e dinâmico o que faz com que alguns deixem os livros para aprender com a vida ou procurem títulos que mais se aproximam de suas dúvidas e anseios, como as antologias de obras norte americanas ou mesmo publicações de escritores que também são adolescentes e fazem uso de códigos e linguagens peculiares à sua fase de vida.

Por esse ângulo, vale ressaltar a explicação de Martins (1994, p. 82): “... Para a leitura se efetivar, deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de



uma necessidade, de um desejo de expressão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais”.

Sabe-se que o desafio da escola e do professor torna-se maior, uma vez que o acervo das bibliotecas não costuma oferecer este tipo de leitura e esta oferta vai contrariar os interesses dos estudantes, que assim tendem a perder o interesse e se afastam da prática de leitura lúdica e prazerosa e passam, quando muito, a explorar trechos exigidos pela escola sem atribuir-lhe o âmbito pleno da leitura, não exercitando o letramento que implica justamente em saber aferir as informações presentes nas entrelinhas do texto.

Dentre as dificuldades ressaltamos os problemas didáticos e metodológicos que se acercam os professores em sala de aula, seja pela falta de materiais, destinados a este fim, como revistas, coleções paradidáticas, matérias de cunho lúdico, gibis. Contudo, estes ficam engavetados em armários ou em prateleiras que embora bem organizadas, ainda que dada a infrequência de uso, quando acessíveis, não atendem ao seu fim primeiro e acabam por perder sua finalidade.

Muitos educadores não conseguem superar a prática formalista e mecânica enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler se resume à decoreba de signos linguísticos, por mais que se doure a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienantes. Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem colocar o porquê, como, e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade (MARTINS, 1994, p. 23).

Retomamos a justificativa para muitas destas atuações por conta da ideia deturpada de que leitura mesmo só ocorre em livros técnicos e didáticos, de forma a afastar a possibilidade de o estudante realizar uma leitura proveitosa em revistas, redes sociais, recursos tecnológicos ou afins, gerando não só prejuízos individuais como sociais ao país, prova disso são os milhões de brasileiros analfabetos funcionais que existem.

A tarefa do docente consiste em desenvolver não uma única capacidade de pensar, mas muitas capacidades particulares de pensar em campos diferentes; não em reforçar a nossa capacidade geral de prestar atenção, mas em desenvolver diferentes faculdades de concentrar a atenção sobre diferentes matérias (VYGOTSKY, 1988 p. 36).

Há que se reconhecer que não existe uma linha contígua de recursos e potenciais à disposição nas escolas para garantir à efetividade e dinamismo necessários a fomentação do hábito de ler no ensino médio.



4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as acepções levantadas aqui nos direcionam para um caminho que seja a viabilidade de adotar como abordagem metodológica, uma concepção humanista e prazerosa em que acima de tudo se faz necessário respeitar a bagagem cultural dos estudantes, considerando que ao chegar ao ensino médio os jovens já sabem ler no sentido de juntar letras e palavras construindo textos imbuídos de sentidos polifônicos.

Reconhecidamente assume-se a necessidade de se rever tanto as metodologias e abordagens pedagógicas em relação ao estudante/leitor como a existência de um suporte de apoio e estrutura física e bibliográfica que possa garantir ao professor mediador a aplicação de conhecimentos vários que lhes foi disponibilizado ao longo de sua formação, propiciando assim a possibilidade de inovar em suas práxis.

A renovação de uma práxis que apresenta o cotidiano escolar de forma antidemocrática, que tende a oprimir os estudantes, tirando-lhes o direito de se expressar a cerca de suas crenças, gostos e senso crítico em relação a oferta de obras a serem lidas, denota o quanto esta escola permanece com seus passos no tempo, atrasados, cabe à escola acompanhar a evolução do tempo e não estagnar em recursos humanos, tecnológicos, materiais e em ideias.

Fala-se que a leitura liberta e ao mesmo tempo obrigam-se os estudantes a aceitar que a escola, alheia a seus gostos e necessidades escolham o que ele deve ler em busca do que e como esta leitura será realizada, desconsiderando as competências e as habilidades que este leitor já desenvolveu ou que por ventura precisa desenvolver. As escolhas acabam por muitas vezes refletir opiniões e gostos dos professores que geralmente visam alcançar objetivos pedagógicos através da leitura e não necessariamente atender ao estudante.

Como vimos a mediação da leitura precisa considerar muitos pontos, entre eles a elaboração e aplicação de um currículo vivo que tenha como enfoque a realidade dos estudantes; as normas precisam ser voltadas para o protagonismo de forma a estimular um maior envolvimento e identificação entre os estudantes e o material a ser lido; a disciplina e muitas vezes o rigor com que a leitura é abordada do ponto de vista pedagógico que mais afasta que aproxima estudante e obra literária. Desta forma enfatiza-se também o relacionamento interpessoal que muitas vezes expressa a opressão e o autoritarismo presente nas aferições de entendimento do discurso literário.



Enfatizando que caso não haja a revisão destes aspectos a escola persistirá em um jogo de faz de conta em que o discurso democrático será mero engodo e pura demagogia. Considerando que se estamos convencidos de que todo homem tem um papel histórico a desempenhar, temos de desejar que o estudante o desempenhe desde os bancos da escola.

Sobre essa questão, Lajolo (2004), traz a seguinte reflexão:

Se alguma metodologia e estratégia proposta para o desenvolvimento da leitura parecem enganosas por trilharem caminhos equivocados, o engano instaura-se no começo do caminho, a partir do diagnóstico do declínio ou da inexistência do hábito de leitura entre os jovens. Espartilhada em hábito, a leitura torna-se passível de rotina, de mecanização e automação, semelhante a certos rituais de higiene e alimentação, só para citar áreas nas quais o termo hábito é pertinente (LAJOLO, 2004, p. 107).

A partir dessa perspectiva a leitura deixará de ser imposta ao leitor através de discursos arbitrários e a crise da leitura poderá ser interrompida a partir da pedagogia do diálogo, ou seja, da relação afetiva entre o leitor e o texto. Estes questionamentos precisam estar presentes em nossa prática verdadeiramente, para nos impulsionar a atuar e estimular outros.

No intento de continuar buscando a fórmula perfeita para estimular o hábito da leitura ousamos sugerir a possibilidade de mudar o foco e procurar desmistificar o papel do professor e do estudante/leitor, quebrando o paradigma de que leitura precisa está associada a atividades avaliativas, tornando a leitura algo engessado e opressor. Enfatizando que romper com este modelo significa possibilitar a atuação dos profissionais enquanto mediadores da leitura, que auxiliam na preparação de uma geração de pessoas conscientes e críticas que precisam ter suas opções respeitadas e incluídas neste processo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em 25 setembro 2020.

CADEMARTORI, L. **Para pensar o livro de imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. Disponível em:

http://grupoautentica.com.br/download/roteiros/roteiro_livro_de_imagens.pdf. Acesso em: 26 maio 2019.



CAMÕES.H.N; et all. **As dificuldades no desenvolvimento do hábito da leitura no ensino médio:** Estudo de caso na Escola Estadual Mário Quirino da Silva.IESAP-2015. Macapá /AP.

ELIAS, Vanda Maria, **Ensino de Língua Portuguesa.** 2011.

FREIRE, Paulo: **A importância do ato de ler.** São Paulo, Cortez, 1989.

KLEIMAN, Ângela. **O impacto da leitura para o aprendiz adulto.** Revista Pátio. 2005, fevereiro/abril, Ano IX, nº.33.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo, Ática, 2004.
MARIA, Luzia de. **Leitura e Colheita.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MARIA, Luzia de. **Leitura e colheita.** Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2002.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo, Brasiliense, 2003. (Coleção Primeiros Passos; 74)

SILVA, Ezequiel Theodoro da. – **Conferências sobre leitura – trilogia pedagógica -** Campinas, SP: Autores associados, 2003.

VYGOTSKY, Lev. **Semenovich. La imaginación y el arte em la infancia.** Madrid, Espana: Akal, 2003.